



CONCEPÇÃO DE LEITURA: um olhar a partir de uma pesquisa realizada com professores de uma escola estadual de Sinop¹

Vera Lucia de Oliveira Pereira Buose*

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual de ensino de Sinop, Mato Grosso, no primeiro semestre de 2004. Esta escola localiza-se na periferia da cidade e funciona em turnos intermediários, atende alunos do Ensino Fundamental e Médio, conta com um mil e trezentos alunos matriculados e o corpo docente é constituído por quarenta e oito pessoas. O propósito desta pesquisa foi evidenciar a concepção de leitura dos professores desta unidade escolar, assim como verificar como elas repercutem no trabalho em sala de aula. Enquanto escolha metodológica optou por pesquisa de campo, e mais junto à referida escola. Para precisamente, o estudo de caso atingir o objetivo foi elaborado questões sobre a temática e estas respondidas por vinte professores que atuam em áreas diversas do Ensino Fundamental e Médio com a finalidade de obter dados necessários para o desenvolvimento da pesquisa. Com o estudo dos dados coletados foi possível evidenciar que as concepções de leitura subjazem as teorias que refletem diretamente na atividade prática dos professores e que falta embasamento teórico para os mesmos trabalharem com a leitura. A relação com a linguagem se dá de forma ingênua, sem estar comprometido com os vários sentidos da leitura.

Palavras-chave: Letras. Concepção de leitura. Professores. Eni Pulcinelli Orlandi.

1 INTRODUÇÃO

¹Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2004, sob a orientação da Ma. Helenice Joviano Roque de Farias

*Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2004. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino do Português como Língua Materna pela Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT) / Campus de Sinop em 2006. Cursando a Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT / Sinop (2011/2012).

Este trabalho foi desenvolvido a partir de um recorte do TCC que caracterizou por delinear o resultado de uma pesquisa de caráter investigativo, realizada em uma escola da rede estadual de ensino de Sinop, Mato Grosso, no primeiro semestre de 2004 com o objetivo de evidenciar a concepção de leitura dos professores desta escola, assim como verificar como estas concepções repercutem no trabalho em sala de aula e, buscar por meio desta pesquisa, subsídios para superar as dificuldades no trabalho com a leitura por conhecer a realidade escolar e vivenciar a problemática desta escola em relação à temática em evidência.

O público alvo deste trabalho foram os professores, e com os dados obtidos ensejam-se momentos de reflexão sobre uma prática consciente de que as mudanças só serão efetivadas quando houver um desejo e uma necessidade da prática da leitura sob outros olhares, pois entende-se a necessidade de reformular as práticas escolares vigentes que enxergam a leitura de forma simplista, apenas como decodificação da escrita, visto que desconhecer os fundamentos teóricos neste campo por parte do professor traz conseqüências negativas para a qualidade do ensino, além de influenciar negativamente na vida do leitor/aluno.

Esta proposta foi desenvolvida a partir de uma pesquisa quantitativa. Para tal elaborou-se um questionário e este fora respondido por vinte professores, de áreas diversas que atuam no Ensino Fundamental e Médio.

Estes por sua vez tiveram total liberdade de respostas. Posteriormente, foram agrupados os dados de acordo com os conceitos semelhantes e analisados a partir de alguns teóricos como Orlandi (1998), Zilberman (1998), Lajolo (1994), Aguiar (1988), Freire (1992). Este trabalho está dividido em duas partes, sendo que a primeira aborda teoricamente os conceitos sobre a leitura, a segunda trata da concepção de leitura na escola e em seguida são apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 LEITURA E SUAS CONCEPÇÕES: do mundo da leitura a leitura de mundo

A sociedade atual pode ser caracterizada cada vez mais pelo consumismo não somente de bens materiais, mas de ideias, valores e comportamentos e a massificação e alienação dos indivíduos fazem de um processo cada vez mais envolvente que se serve de forma eficiente e eficaz dos modernos meios de comunicação, pois, quanto mais se submete a influência desses meios, que deveriam contribuir para o esclarecimento das pessoas, ao contrário, se tornam mais impotentes frente à dependência e dominação dos meios de comunicação.

Partindo deste pressuposto, a linguagem deixa de ser um elemento de comunicação entre sujeitos para se tornar um instrumento de poder a serviço de interesses alheios e a partir desta ideia que esta pesquisa visa apresentar a leitura como processo de resignificação do sujeito. Entendendo que para reverter tal situação é preciso que as pessoas compreendam o sentido maior de leitura, desvelando assim significados do texto seja ele oral ou escrito.

Assim, a palavra leitura deixa de ser vista como um instrumento de dominação e passa a ser uma arma de libertação do sujeito da linguagem, tornando-o reflexivo e construtor de sua própria história e neste sentido Resende (1985, p. 52) aponta:

A leitura pode ter duas funções distintas e opostas. A primeira, alienadora, quando fornece ingredientes que alimentam o mundo de aspirações ilusórias, desvinculada de qualquer intenção questionadora. Uma segunda reflexiva que deve despertar no leitor reações face ao que a obra contém e a tudo que ela revive e evoca fora do sujeito.

Reconhecer a importância da leitura como fator de desenvolvimento e de participação social do sujeito é dado indiscutível e aceito como compromisso de todas as sociedades e nesta perspectiva os Parâmetros Curriculares Nacionais 1997 estabelecem que o trabalho com a leitura nas escolas tem como finalidade principal a formação de leitores competentes e consequentemente críticas e aptos a escrita. Pois se parte do princípio que é a escola a principal ‘responsável’ neste processo.

2.2 A LEITURA NA ESCOLA E O PRAZER DE LER

Vive-se em um momento de grandes avanços tecnológicos obtidos com o desenvolvimento das ciências e tecnologias e a escola não tem acompanhado tal crescimento. Sabe-se que ela não vem formando leitores como é esperado, pois não tem uma política de leitura que sirva de referencial para alunos e professores, fica visível o predomínio e o fascínio que o livro didático exerce sobre muitos professores, o qual dá modelos e respostas prontas e acabadas, sem uma preocupação com a produção de sentidos. Sobre esta realidade ORLANDI (1998, p. 96) ressalta:

Normalmente, na escola, a história de leitura restringe-se ao livro didático. Não se constrói, então, um espaço para a constituição de uma memória discursiva que permite ao leitor virtual de uma grande parcela de textos que está em circulação no Brasil. A escolarização custeia através de seu veto implícito pelo uso do livro didático, a constituição da memória discursiva.

Considera-se que dentre as forma de comunicação mais utilizada pelo aluno é o livro documento que concentra e conserva a expressão do conteúdo de ciências humanas, individual e social de modo cumulativo conforme afirma Bordini (1993, p. 10), “[...] como o documento escrito e mais eficiente para a fixação e conservação das idéias, leva vantagens sobre a memória coletiva, alijando das decisões do grupo aqueles que são capazes de decifrá-los”. É notório que o educando que lê contribui para o seu crescimento pessoal e para a ampliação de sua visão de mundo, mas para que isso aconteça, a leitura precisa ser trabalhada de forma significativa e dinâmica.

Ao observar a realidade de muitas escolas públicas, depara-se com um mundo muito distante daquele mencionado pelos teóricos propícios para a efetivação da leitura. Há grandes dificuldades em trabalhar a leitura em sala de aula, pois existe muita deficiência quanto ao material de apoio. Sabe-se da enorme responsabilidade da escola na formação de seus leitores, então que atitudes tomar diante de uma realidade vivenciada em várias escolas no que se refere à prática de leitura?

São inúmeras as reflexões que se faz frente às interferências no processo de leitura: salas superlotadas, ambientes inadequados, turnos intermediários, falta de biblioteca, profissionais despreparados, ausência da família na escola, entre outros. A escola é o espaço ‘ideal’ onde a leitura tem chances de ser desenvolvida e o fracasso escolar nessa área implicará também no insucesso da leitura e dos leitores. Diante dessa problemática vivenciada na escola, nota-se que ela precisa criar meios para efetivar a leitura de forma prazerosa dentro e fora da sala de aula, assim contribuirá para o desenvolvimento criativo e crítico do aluno leitor. Dentro desta perspectiva Zilberman (1998, p. 11) argumenta que:

As finalidades entre escola e leitura se mostram a partir da circunstância de que é por intermédio da ação da primeira que o individuo se habilita à segunda, a escola e leitura passam por incremento simultâneo. A crise de leitura tem sido interpretada também como uma crise na escola. Confirmando-se, pois, os elos entre a instituição ligada ao ensino e a prática de leitura.

Desta forma, ao trabalhar a leitura é importante ter cuidados para não determinar comandos a essa atividade, visto que é importante ter prazer com o ato de leitura e uma leitura prazerosa não deve ter cobranças por meio de avaliações, preenchimento de fixas de leituras, resumos, pois ao ter esse tipo de atitude o aluno irá ler apenas para corresponder às expectativas propostas pelo professor e o objetivo da leitura não é somente este, porque mais importante é desenvolver o hábito por esta ação, ter prazer com esta atividade e também à busca de informação. Então o professor deve oferecer leituras variadas de acordo com a idade

de seu público alvo, para que entre todas as sugestões oferecidas, eles façam a prática de leitura e nesta perspectiva Aguiar (1988, p. 86-87) acrescenta:

As atividades de leitura em sala de aula atendem a dois objetivos básicos: informação e recreação. A leitura recreativa não visa à aquisição imediata de conhecimento, mas ela é necessariamente pedagógica, uma vez que passa sempre ao leitor uma mensagem mesmo que seja: não há mensagem, o importante é nos divertirmos um livro para a juventude, ante de tudo, é um livro que os jovens lêem com prazer.

É importante salientar a necessidade do desempenho do professor com o papel de mediador neste processo, ser conhecedor dos diversos tipos de leituras, inclusive as atuais, assim contribuirá para que os alunos leiam, criem o gosto por esta atividade e também conheçam as literaturas que é de suma importância durante sua vida escolar

3 CONCEPÇÃO DE LEITURA NA ESCOLA

Ao partir do pressuposto de que ler é compreender as diversas mensagens existentes no ambiente em que se vive; é perceber palavras, “[...] palavra mundo e esta precede a leitura da palavra e a leitura desta implica na continuidade da leitura daquela; e isso não procede de forma passiva [...]” (FREIRE, 1992, p. 21) e ancorado em alguns referenciais teóricos, buscase uma metodologia que articula teoria/prática baseada numa concepção crítica de leitura, para se desenvolver uma proposta de pesquisa na escola em foco.

Esta pesquisa foi realizada entre os meses de março e abril de 2004 e para tal entregou-se um questionário contendo sete questões a vinte professores, que atuavam no Ensino Fundamental e Médio, abordando a leitura e sua materialização em sala de aula. Estes por sua vez tiveram total liberdade de resposta. Depois de finalizada esta fase do questionário, os dados foram selecionados de acordo com as respostas obtidas e classificados em grupos, A, B, C.e D, segundo as concepções de leitura em que os mesmo estavam inseridos.

Ao perguntar como você pode definir leitura obtiveram-se as seguintes respostas.

GRUPO A

(01) Professor 03: Leitura é um conhecimento adquirido de como se escreve e se decodifica uma palavra ou uma sílaba.

(02) Professor 05: Para mim é a decodificação de símbolos.

(03) Professor 06: Decodificação de símbolos e códigos.

Os registros acima mostram uma homogeneidade predominante quanto aos processos de significação em relação à leitura como mera decodificação. Apresentam apenas apreensão de um sentido que já está dada no texto, sem levar em conta a experiência discursiva, a história de mundo que o aluno trás e sem considerar que mesmo antes do educando escrever convencionalmente a um saber marcado nos enunciados do aluno, porque ele usa de toda estrutura contida em um texto como o uso de pontuação, entonação e outros.

Essa forma de abordar a leitura prove de uma visão estruturalista e mecanicista da linguagem, por defender o texto, como parte única do sentido. Segundo essa teoria, o sentido estaria arraigado às palavras e às frases, uma vez que nada modifica a visão de mundo do aluno, tendo como consequência dessa atitude a formação de um leitor passivo, que quando não consegue construir o sentido do texto, acomoda-se facilmente a essa situação e a escola nesse caso se coloca como se o aluno não estivesse já instalado no processo de aprendizagem, não considerando o saber que o aluno trás do mundo e nem suas experiências diárias com a leitura fora da sala de aula.

GRUPO B

- (04) **Professor 08:** É todo o acúmulo de informação, capaz de auxiliar o conhecimento.
- (05) **Professor 11:** Leitura traz conhecimento.
- (06) **Professor 02:** Um ato de conhecimento e aprendizado.
- (07) **Professor 09:** A leitura leva a gente a conhecer outros mundos.
- (08) **Professor 12:** Ato de lazer e conhecimento.
- (09) **Professor 13:** Leitura orienta, abre novos horizontes.
- (10) **Professor 07:** Conhecimento, uma viagem para o mundo.
- (11) **Professor 01:** A leitura é algo com que se pode criar, viajar e entrar em lugares inimagináveis.

Nota-se nestes enunciados um conceito de leitura mais amplo, com a possibilidade de ir além da mera decodificação de palavras, a figura responsável pela formulação, que se representa como o tal no discurso, se oculta. Diz então que o locutor é impessoal. Em nenhum momento o professor fala dele enquanto leitor.

Os enunciados definem leitura como repositório de mensagens e informações, é a crença de que a leitura é apenas um conjunto de palavras, cujos significados devem ser extraídos um por um, para sim, cumulativamente, chegar à mensagem do texto; Essa hipótese baseia-se por um lado, na crença de que o papel do leitor consiste em apenas extrair essas

informações, por meio do domínio das palavras que, nessa visão, são os veículos de informações. A noção de comunicação fica cada vez mais complexa. A língua é muito mais do que simplesmente comunicar e informar, tomando um percurso social relacionada à linguagem (sociedade).

GRUPO C

(12) Professor 04: Leitura é um processo de interação, entre o leitor e o texto.

(13) Professor 10: Leitura é tudo, desde a criança que brinca e observa um brinquedo ou uma placa, tudo que se vê e faz uma leitura.

De acordo com as enunciações do grupo C em que se observa a leitura com uma concepção mais ampla, mais abrangente, opondo-se a concepção estruturalista e mecanicista, pois, nesse grupo, consideram-se as experiências que o aluno traz da sua convivência diária, dando abertura a outros sentidos. Nesta proposta não se vê a leitura apenas como produto, mas observa também as duas significações. Consideram que o aluno não aprende meramente um sentido que está lá; o aluno atribui sentido ao texto de acordo com seu conhecimento prévio.

Nesta formulação, leitura é um processo de interação, entre os componentes do ato da comunicação escrita, considerando que a leitura é a interação entre o leitor, portador de esquemas (mentais) socialmente adquiridos que aciona seus conhecimentos prévios e os confronta com os dados do texto, “construindo” assim, o sentido. Para o grupo C, o bom leitor é capaz de percorrer as marcas deixadas pelo autor para chegar à formulação de suas idéias e intenções.

As condições de produção que determinam os sentidos imprevisíveis (polissemia), são incluídas neste processo. Portanto, na leitura, se leva em consideração a história do leitor e a do texto. Isso está presente nas enunciações dos entrevistados que recusam o conceito que a língua seja um código (informativa apenas), pois esse grupo vê a leitura como interação de todo o saber acumulado e vivenciado diariamente pelo aluno.

GRUPO D

(14) Professor 10: A maneira necessária e primordial de comunicação

Esse discurso remete-se apenas à linguagem como forma de comunicação, não permite interpretações várias, ela se pretende absoluta, rigorosa, exata, a língua como um sistema fechado, considerando-se como um código, através do qual um emissor comunica a um

receptor determinada mensagem. A principal função da linguagem neste caso, é a transmissão de informação.

O resultado desta pesquisa ficou da seguinte forma: 29% dos entrevistados entendem a leitura como decodificação de códigos. O aluno, a partir do momento que consegue estabelecer um conhecimento sobre as letras, sobre a função delas realiza a leitura. Isso mostra que, boa parte dos professores da escola pesquisada acredita no ensino de leitura com decifração de palavras. Por outro lado, nota-se que 53% dos entrevistados demonstraram saber que o ato de leitura vai além da mera codificação de palavras, ela é vista como conhecimento.

Um dado interessante nesta pesquisa é o fato 12% dos entrevistados acreditarem na leitura como atribuição de sentido. De acordo com seu conhecimento prévio, o aluno dá sentido ao texto. Considera-se que esse dado representa um pequeno avanço, um começo para uma mudança de postura no ensino da linguagem e apenas 6% dos professores ainda vêm a leitura como forma de comunicação.

A partir destas informações pode-se observar que é fundamental rever a formação dos professores da referida escola, pois de acordo com a pesquisa muitos deles demonstraram ausência de sustentação teórica em suas práticas pedagógicas na área de leitura. Os dados evidenciaram os desafios a serem enfrentados pelos mesmos, constatou-se que eles, em sua maioria, trabalham a leitura centrada na decodificação, que é converter letras em som. Por conta desta concepção formam-se leitores aptos em decodificar qualquer texto, mas sem compreender o que tentam ler. É interessante que os professores trabalhem com seus alunos a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem principalmente no que diz respeito ao significado que é construído por meio da interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que uma sociedade desenvolvida sócio-culturalmente necessita de pessoas que gostem de ler e, para que isso ocorra, é de vital importância atuação da escola na área de leitura por meio do professor, este atuar como estimulador e mediador neste processo, pois assim esta contribuindo para formação crítica dos alunos e transformar o quadro educacional atual, pois os dados obtidos nesta pesquisa mostram que algumas concepções de leitura de fato, estão relacionadas com o trabalho dos professores em sala de aula e muitas

deles não tem conhecimento relacionado com as teorias que aplicam nas aulas de leitura, comprometendo os sentidos da mesma.

Outro ponto significativo, que foi observado, é como são apresentadas as estratégias de leitura: não consideram a escolha do aluno para a escolha das leituras nem mesmo as vê como forma prazerosa, pois os professores utilizam a leitura principalmente como forma de avaliação. Ficou evidente que a prática de leitura nesta escola existe e o que se apresenta como complicação são as abordagens metodológicas utilizadas em sala de aula, que precisam ser repensadas por uma concepção que permita trabalhar noções mais próximas e reais dos alunos. Para isso é necessário que o professor supere o sentido único de interpretação e compreenda o que há por trás dos diferentes sentidos atribuídos pelos alunos aos textos

Dessa forma, ficou evidente que muito da prática dos professores em sala de aula referente ao trabalho com a leitura está relacionado a uma prática aliada à teoria, sem perder de foco também a formação continuada do professor, pois com ela é possível refletir sobre metodologias que amparem as aulas e os resultados nesta área sejam melhores dos que aí estão postos e assim, formarem leitores de fato que dialoguem com o texto e compreendam os sentidos proporcionados.

CONCEPTIONS OF READING:

a look from a research with teachers of a state school in Sinop

ABSTRACT²

This present research was developed in a school of the state educational system in Sinop, MT, 2004. This school is located on the outskirts of the city and it works in intermediate shifts, serves elementary and high school students, has one thousand and three hundred students enrolled and its teaching staff consists of forty-eight people. The purpose of this research was to demonstrate the reading concepts of the teachers in this school unit, as well as see how they influence in the work in the classroom. The methodology chosen was the field research, more precisely, the case study in the referred school. To achieve the objective, questions on the subject were made and answered by twenty teachers who work in different areas of primary and secondary schools in order to obtain data necessary for the development of the research. With the study of the collected data, it was possible to reveal that the reading concepts underlies the theories that reflect directly in the practice of teachers and they lack

² Tradução realizada pela aluna Vera Lucia de Oliveira Pereira Buose e revisão pela aluna Vanessa dos Santos Scarranaro, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa.

theoretical basis for them to work with the reading. The relationship with the language happens in a naive way, without being committed to the various ways of reading.

Keywords: Languages. Reading concepts. Teachers. Eni Pulcinelli Orlandi.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. 9 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BARZOTTO, Valdir Heitor. **Estado de leitura.** Campinas: Mercado de Letras, 1999.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: A formação do leitor:** alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** 27.ed. São Paulo: Cortez, 1992.

GRUPO A. **Grupo A.** depoimento. [mar./abril. 2004]. Entrevistadora: Vera Lucia de Oliveira Pereira Buose . Sinop, MT, 2004. Questionário. Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso (TCC).

GRUPO B. **Grupo B.** depoimento. [mar./abril. 2004]. Entrevistadora: Vera Lucia de Oliveira Pereira Buose . Sinop, MT, 2004. Questionário. Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso (TCC).

GRUPO C. **Grupo C.** depoimento. [mar./abril. 2004]. Entrevistadora: Vera Lucia de Oliveira Pereira Buose . Sinop, MT, 2004. Questionário. Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso (TCC).

GRUPO D. **Grupo D.** depoimento. [mar./abril. 2004]. Entrevistadora: Vera Lucia de Oliveira Pereira Buose . Sinop, MT, 2004. Questionário. Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso (TCC).

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo.**São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1996.

_____. **Análise do discurso:** princípio e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **A leitura e os leitores.** Campinas: Pontes, 1998.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. MÊS/SEF, 1998.

RESENDE, Vânia Maria. **Leitura:** mediação entre a vida e a arte. Florianópolis: UFSC, 1985.

ZILBERMAN, Regina. (Org). **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. 9 ed.
São Paulo: Mercado Aberto, 1988.